

## ENTRE A VINGANÇA E A PIEDADE

Alessandra Cristina Rigonato (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** Ecos da tragédia grega antiga ressoam no teatro até a atualidade. O fenômeno de reescrever um clássico no teatro contemporâneo é frequente tanto na Irlanda quanto no Brasil, como mostram as obras *By the Bog of Cats* (1998) e *Medeia Mina Jeje* (2017). Essa escolha no processo de criação artística desperta algumas questões como: por que reescrever um clássico? O que uma obra distante no tempo tem a dizer sobre o tempo presente? Este estudo tem o objetivo de refletir sobre essas questões, considerando a hipótese de que as Medeias contemporâneas se apropriam do clássico para despertar um novo olhar sobre a mulher e o infanticídio.

**Palavras-chave:** Medeia; Eurípides; Teatro irlandês; Teatro brasileiro; Intertextualidade;

Este trabalho propõe um estudo com ênfase na visão do infanticídio das peças de teatro *By the Bog of Cats* (1998), de Marina Carr (1964-), e *Medeia Mina Jeje*<sup>2</sup> (2017), de Rudinei Borges (1983-), ambas inspiradas em *Medeia* (431 a.C.) de Eurípides. Carr desloca sua Medeia, que se chama Hester Swane, para as *Midlands*, uma região rural e pantanosa da Irlanda, onde Hester confronta a exigência de Carthage (Jasão) para que ela abandone seu lar; em outra perspectiva, Borges transporta sua personagem para o período do auge da exploração de minérios em Ouro Preto, com condições desumanas do trabalho feito pelos escravos trazidos da África.

Ao escolher duas obras situadas em contextos bastante distintos culturalmente, esta pesquisa leva em consideração aspectos semelhantes nas cenas de assassinato dos filhos. No âmbito da recriação de obras clássicas, três questões importantes afloram: por que revisitar o texto clássico? Como se dá o diálogo entre estes textos contemporâneos e o antigo? E, finalmente, quais são os efeitos das escolhas do processo de reescritura desta tragédia? Para responder a essas questões, esta comunicação se pauta por uma análise comparativa entre as obras à luz dos estudos de recepção dos clássicos de Lorna Hardwick (2003).

Além disso, busca-se os sentidos de vingança e piedade no grego clássico a fim de observar como ambos se apresentam nos dramas de Carr e Borges. Com base na pergunta instigante de Ítalo Calvino no livro *Por que ler os clássicos?* (1993),

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (FFLCH/USP). Bolsista CAPES. Contato: alessandra.rigonato@usp.br.

<sup>2</sup> O poema dramático *Medeia Mina Jeje* ainda não foi publicado. O texto aqui citado foi gentilmente cedido pelo autor. Meu agradecimento a Rudinei Borges.

aqui se indaga por que reescrever a tragédia clássica. Aponta-se a hipótese de que as Medeias contemporâneas sugerem um olhar para o infanticídio que difere da ideia de um crime engendrado pelo desejo de vingança.

Traduzida por Aline Balduino para o português como *O Pântano dos Gatos*, a peça de Carr se passa em uma região pantanosa da Irlanda e o poema dramático de Rudinei Borges encarna o espaço das escuras minas de Vila Rica de Nossa Senhora de Pilar de Ouro Preto. A leitura destes textos desperta as seguintes questões: Por que revisitar o texto clássico? Como se dá o diálogo entre estes textos contemporâneos e o antigo? E, finalmente, quais são os efeitos das escolhas do processo de reescritura dessa tragédia?

Eurípides escreve sua versão do mito de Medeia no século V aC, o assassinato dos filhos é um elemento que este poeta insere no seu texto. Mitos anteriores não traziam esse acontecimento.

Em *Teatro grego: tragédia e comédia* (1996), Junito de Souza Brandão afirma que a tragédia grega teve suas origens no culto de Dioniso que representa a desmesura, o vinho, a alegria, o despertar de potências criadoras, o autor ainda acrescenta que “isto, apesar de algumas tentativas, ainda não se conseguiu negar” (p.9).

A desmesura, ou no termo grego *ὑβρις* (*hýbris*), nos cultos dionisíacos é um elemento central na composição da personagem trágica. Essa personagem tem seu destino traçado pelo *τραγῳδία* (justaposição de *τράγος* "bode" e *ὕδνη*, ode), isto é, o canto do bode, tradução literal de tragédia. Essa ode entoada pelo animal faz referência aos sátiros, figura metade homem e metade bode, integrantes do cortejo de Dioniso. Após o sacrifício do animal a Dioniso, os participantes do culto cantavam e dançavam vestidos de sátiros. Na tragédia essa desmesura da personagem a coloca como o próprio bode, desse modo tragédia é o canto daquele que vai perecer pela *hýbris*. Assim como outras personagens trágicas, Medeia apresenta desmesura e desafio aos deuses quando assassina seu pai e irmão pra entregar a Jasão o velocino de ouro.

Esta é sem dúvida a tragédia de Eurípides mais traduzida no Brasil. As Medeias de Mário da G. Cury (1991), Jaa Torrano (1991), Flávio Oliveira (2006), Trajano Vieira (2010) e Trupersa (2013), a mais recente tradução brasileira feita por um grupo de estudiosos e atores, demonstram essa tendência. Esse número considerável de traduções conduz à questão: por que revisitar o texto clássico? Ítalo Calvino considera um clássico

“um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p. 11). O retorno ao texto clássico, nestas duas peças, não busca o retrato do passado, mas é um espelho do presente.

Essa inclinação pelo drama grego também se mostra nas reescrituras de Medeia encenadas recentemente em São Paulo. Em novembro de 2017, a Cia Ludens faz uma leitura dramática de *No Pântano dos Gatos*. Em fevereiro de 2018, *Medeia Mina Jeje* é exibida no palco do Sesc Ipiranga. Em maio do mesmo ano também no Sesc Ipiranga, o monólogo de Grace Passô, *Mata Teu Pai*, traz uma Medeia judia vivendo entre outras exiladas. No mês seguinte, Cleiton Pereira representa a heroína grega sob o título “Curra – Temperos sobre Medeia”. Todos esses trabalhos revisitam o clássico de um modo muito transformador no que se refere à forma e às temáticas. A escolha pela comparação entre as apropriações de Carr e de Borges se pautou pela perspectiva do infanticídio mostrada por ambas. Tendo em vista que o infanticídio das peças contemporâneas difere consideravelmente do texto de Eurípides, é possível dizer que os textos *By the Bog of Cats* e *Medeia Mina Jeje* constituem uma apropriação.

O termo apropriação aqui tem seu sentido definido pelos estudos de Julie Sanders e Lorna Hardwick. Embora Sanders discorra sobre adaptação e apropriação mais especificamente no contexto do cinema, o conceito também pode ser aplicado no âmbito do teatro. Segundo Sanders, a “apropriação afeta com frequência uma jornada mais decisiva do texto fonte em um novo produto cultural.” (SANDERS, 2006, p. 26). No contexto de recepção dos clássicos, Hardwick apresenta diversas técnicas de recriação, para esta autora apropriar-se significa “tomar uma imagem da antiguidade ou texto para dar abertura a ideias ou práticas subsequentes (explícita ou implicitamente)<sup>3</sup>” (HARDWICK, 2010, p.9). Em ambas definições, a apropriação se confirma como um processo transformador com origem na leitura do texto grego.

A transfiguração se faz presente já nos títulos das obras. O nome Medea vem do verbo *μήδομαι*, que significa "meditar um projeto, preparar", sendo assim, é a que planeja, projeta. Essa qualidade de “projetar” tem conotação negativa no mito, pois revela uma sapiência para ferir um adversário, no caso Jasão. A astúcia de Medea é tida como parte da natureza monstruosa como a denominam Jasão e o Coro trágico.

---

<sup>3</sup> No original: Taking an ancient image or text and using it to sanction subsequent ideas or practices (explicitly or implicitly). Obs.: salvo indicação contrária, todas as traduções foram feitas por mim,

Em vez do nome da protagonista da tragédia, Marina Carr coloca em evidência o lugar, o “Bog”. Esse tipo de formação terrena é emblemática na Irlanda. Esses pântanos podem absorver e fazer desaparecer objetos e, quando há um período de menor volume aquático, os objetos ficam aparentes novamente. O “bog” tem a função na peça de marcar o lugar de direito de Hester Swane, a Medeia irlandesa.

Swane é caracterizada como uma nômade, um grupo étnico da Irlanda, chamada na peça da forma pejorativa de “tinker”. Vivendo em barracas, esse grupo teve durante muitos anos proibição de se instalar em terrenos públicos ou privados. Diferente dos povos viajantes provenientes da Romênia, os nômades se declaram habitantes antigos da ilha, portanto com direitos de viver nesta terra. Ao contrário da Medeia de Eurípidés, a ligação mais forte de Swane é com o Pântano do Gatos, onde viveu com sua mãe e onde espera por seu retorno. Na cena do diálogo com a personagem mulher gato, Hester indaga “(...) como posso ir embora do Pântano dos Gatos? Tudo que tenho e sou está aqui. Prefiro morrer” (p. 31). Em vez da categoria de estrangeira, a Medeia de Carr assume uma condição ambígua. É habitante desse território movediço e instável e no entanto, destituída, vista como ilegítima.

O espaço também tem um papel importante no título do poema dramático de Rudinei Borges, sua Medeia habita a Mina Jeje e veio de um lugar longínquo de além do mar revolto. A menção ao mar estabelece um ponto de contato com o texto grego. Medea atravessou inúmeras atribulações até chegar a seu destino. O título brinca com o que é conhecido e desconhecido do espectador, de um lado o nome Medea evoca um mito do repertório do teatro universal, por outro, há um elemento de suspense ao gerar essa narrativa em outro contexto, quem será essa Medea deslocada para Minas Gerais? Ao entrar no palco, o público se depara com um nevoeiro de argila fina que recria a atmosfera da mina. Nessa mina, um ator negro interpreta o encantatório monólogo. A peça de Borges se distancia da estética realista, o drama criado pelo escritor é poema, é drama, é narrativa oral.

Uma palavra importante que caracteriza a Medeia de Borges é mãe que, segundo os dois trechos citados abaixo,

não é daqui, Age.  
Mãe nasceu ao longe.  
Doutro lado, Age.  
Doutro lado das colinas.  
Aqui abrem vales estreitos e profundos.

Chão pedregoso.  
Vista é rude aqui. (BORGES, 2017, p.2)

(...)  
Medea é nome da mãe do meu menino.  
Medea-preta.  
Escravizada e preta  
Da Vila Rica de Nossa Senhora de Pilar de Ouro Preto  
– arapuca.  
Medea nunca viu ouro.  
Medea não carece de ouro, aluvião.  
Medea não carece de pedra preciosa.  
Medea corre no campo à procura de erva. (BORGES, 2017, p.6)

Enquanto a Medeia de Eurípides é a mulher traída de Jasão, a estrangeira, a bruxa; Rudinei coloca sua heroína como a mãe. Mas que também conhece as ervas tanto para a cura quanto para o veneno. A intertextualidade se torna mais presente neste texto, como se a própria personagem esclarecesse para o expectador que não é a personagem grega embora tenham o mesmo nome. Há um diálogo entre a Medeia que não precisa de ouro e a que o rouba para Jasão. Nesse sentido, o ouro que era um elemento importante na tragédia de Eurípides, tendo em vista que desencadeou as ações da peça, ou a busca de Jasão e os argonautas, aqui também ecoa um ponto desencadeador de desgraças. Os escravos e escravas eram trazidos para buscar o ouro na mina, como se formasse um corpo de argonautas completamente invertido. Ao invés da aventura, “os escravos-argonautas” trazidos à força encontram a morte. Ambas as empreitadas de viagem em busca de ouro são concebidas como disparadoras de tragédia. Em Eurípides, “se jamais os céus tivessem consentido que Argó singrasse o mar profundamente azul entre as Simplégades, num vôo em direção à Cólquida, (...)” (EURIPIDES, edição kindle, local 161).

É importante salientar aqui a riqueza desse processo de recriação do clássico, ao fragmentar os elementos e recompô-los em uma nova ordem, o texto recebe um status de novo clássico.

De um lado, as regiões de lama do *Bog* que escondem e revelam; e de outro, a escuridão do interior da terra em túneis de ar rarefeito pela busca de ouro. Estes úteros terrenos forjam as Medeias contemporâneas. A simbologia da terra úmida presente nos espaços representa uma transformação importante em relação ao texto clássico. A terra pode ser tomada nesses textos de um lado como um túmulo, no entanto um túmulo

quente, acolhedor; de outro a terra é o que se pode moldar, é passível de ser transformada pelas mãos

A transformação do espaço enfatiza a reconstrução da personagem. Se à Medeia de Eurípedes, no verso 45 o coro diz que “Os filhos causam horror”, nenhuma menção a essa condição é notada nas obras contemporâneas. Ainda que dilacerada pelo casamento de Carthage (Jasão irlandês), Hester não repudia a filha, nem o faz Medea em relação a seu filho Agê ainda que este tenha vindo da violência da personagem Jasoacapaodomato.

Jasão recebe também alterações importantes nas obras contemporâneas. Em Eurípedes, essa personagem é alvo da cólera de Medeia, principalmente quando tenta persuadi-la de que seu casamento com a filha do rei Creonte foi feito pensando na segurança dos filhos. Medeia nota a importância da descendência para Jasão. E sabe que esse será o ponto mais apropriado para atingir seu objetivo de vingança. No contexto irlandês, a relação entre o pai e a filha tem uma natureza afetiva, Carthage comenta que deseja ter a guarda de Josie para criá-la com sua nova esposa. Por outro lado, a figura paterna é quase apagada no Jasão da Mina Jeje. Ele é o capitão do mato, o que sugere que o filho de Medea nasce por meio da violação de seu corpo. Não se nota, portanto, a preocupação com a continuidade de uma linhagem em cada Jasão contemporâneo. Isso significa que os filhos não seriam um alvo propício para uma vingança.

A apropriação da cena do filicídio de Medeia por Marina Carr e Rudinei Borges reflete uma perspectiva contrastante. Como sugerido no título, há uma transformação importante no assassinato dos filhos. Se a Medeia de Eurípedes versa sobre a vingança contra Jasão, os textos contemporâneos por sua vez, se guiam por uma piedade entre a personagem mãe e a filha ou o filho. O coro trágico se apieda das crianças quando ouvem seus gritos. Em *Medeia Mina Jeje* e *No Pantano dos Gatos*, a piedade se constrói como um sentimento desencadeador do crime.

A morte na tragédia grega não acontece em cena, os filhos de Medeia são mortos com uma espada no interior da casa. No entanto o horror se traduz pelas vozes dos meninos que narram o que sofrem e dramatizam por meio dos gritos. (Ler o trecho)

Em *By the Bog of Cats*, Hester tinha decidido o suicídio, no entanto a filha lhe traz a possibilidade de repetir a sua história. A ideia da continuidade de uma vida de sofrimento faz com que Hester queira cortar esse ciclo. Como se vê no trecho:

O desejo por libertar o filho do sofrimento iminente também aparece como motivo para o assassinio de Agê. Como se vê no trecho:

As escolhas pelo lugar de ambas as apropriações são responsáveis pela gestação de novas Medeias. Alterações na imagem de Jasão fazem com que a morte dos filhos não seja a forma eficiente de vingança. Contudo, o infanticídio permanece. Um crime ressignificado na ambiguidade entre um ato de crueldade ou de piedade. Como hipótese, discussões contemporâneas sobre o aborto, tanto no Brasil quanto na Irlanda, podem sugerir um contexto propício a essas Medeias.

Assim como Eurípides, Marina Carr e Rudinei Borges colocam suas marcas num mito antigo. Um mito livre que se deixa moldar assim como a argila, assume muitas formas no imaginário do teatro contemporâneo.

## **Bibliografia**

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução, O Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARR, Marina. *No Pântano dos Gatos...*. Trad. Alinne Balduino P. Fernandes. São Paulo: Rafael Copetti, 2017.

CARR, Marina. *By the Bog of Cats*. Dublin: Dramatists Play Service, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro grego: tragédia e comédia*. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1996.

BORGES, Rudinei. *Medea Mina Jeje*, 2017. (prelo)

EURIPIDES. *Medeia: uma tragédia grega*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, edição kindle.

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Cambridge: University Press, 2003.

SANDERS, Julie. *Adaptation and Appropriation*. Londres e Nova York: Routledge, 2006.